

SYLVIA MIGUEL

AMBIENTE

# A USP na Rio+20

Universidade se organiza para apresentar, na Conferência da ONU em junho de 2012, o que faz pela sustentabilidade e a visão de futuro que norteará suas ações nas próximas décadas

Em viagem ao Rio de Janeiro na semana passada, o francês Brice Lalonde, coordenador-executivo da Rio+20, a Conferência para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), instou o Brasil a assumir posição de liderança nas negociações que acontecerão de 4 a 6 de junho de 2012. Os debates das delegações oficiais ocorrerão no distante Riocentro, na Barra da Tijuca, zona oeste, enquanto as organizações não-governamentais ficarão em área mais central, no Aterro do Flamengo.

O ar festivo e cheio de pompa que marcou o evento anterior parece estar distante das magras expectativas para os três dias desse encontro. Mas, no que depender da USP, os apelos de Lalonde já estão em curso.

Coordenadores de programas de pós-graduação e representantes de unidades, reunidos na sala do Conselho Universitário no dia 22 de agosto, debateram a elaboração de um documento propondo uma agenda da USP para a sustentabilidade. Os professores esperam poder encaminhar o texto para ser incluído nas discussões internacionais no Rio de Janeiro. Trata-se de uma reflexão da atuação da USP nos 20 anos pós-Eco 92 e os planos institucionais mirando o futuro da Universidade e do Brasil, no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável.

“A USP precisa mostrar sua experiência acumulada nesses anos, os conhecimentos e as tecnologias criados para a sustentabilidade. Mas, além disso, precisa mostrar sua visão de sociedade futura. Todos os temas debatidos em 1992 entraram nos currículos de todas as faculdades e a partir disso certamente extraímos pessoas bem ilustradas sobre esses temas. A construção de um novo pensamento é certamente um benefício para a sociedade”, disse o professor Wellington Braz Carvalho Delitti, diretor do Instituto de Biociências e coordenador de Gestão Ambiental da USP.

Também participaram dos debates os ex-reitores José Goldemberg e Jacques Marcovitch, e os professores Umberto Cordani, do Instituto de Geociências, Vanderley Bagnato, coordenador da Agência USP de Inovação, César Ades, diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA), Cláudio Possani, da Comissão de Cooperação Internacional, e Arlindo Philippi Jr., pró-reitor adjunto de Pós-Graduação da USP.

“Em Viena, participei dos debates para a elaboração dos pareceres da comunidade científica para a Rio 92. Os 16 documentos extraídos

daquelas reuniões acabaram sendo inclusos na Agenda 21 e posso dizer que aqueles temas continuam na pauta e talvez até com uma urgência ainda maior. É necessária uma avaliação desses anos. Talvez uma boa forma de encaminhar o processo de elaboração das propostas da USP seja usar os mesmos mecanismos utilizados na Conferência de Viena, em 1991”, sugeriu o professor Umberto Cordani.

Para o professor Goldemberg, a USP deve ser realista sobre seu papel na conferência da ONU em 2012. “Uma boa ideia é fazer uma súmula de artigos científicos que mostrem as contribuições da USP em relação aos problemas em discussão, como mudanças do clima e biodiversidade. Houve trabalhos importantes que nortearam ações e políticas da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Os cientistas da Universidade confirmaram e dramatizaram a importância da biodiversidade e do clima. Isso precisa ser mostrado”, disse Goldemberg.

Por outro lado, outra discussão importante, de cunho político e que deve ser incluída no documento da USP para a Rio+20, diz respeito à missão incompleta nesses 20 anos de Eco 92, acredita Goldemberg.

Segundo o professor, as políticas de emissões de gases

de efeito estufa, por exemplo, podem ser um ponto de partida. “Países que em 1992 eram pequenos poluidores e ficaram isentos de reduzir suas emissões, como a China, atualmente são os maiores poluidores e, no entanto, isentos de qualquer obrigação. Eu me opus a isso em 1992, porque acho que os países em desenvolvimento hoje serão os poluidores de amanhã, a menos que tomem providências agora. Acho importante o Brasil se distanciar dessa postura”, afirma.

Para Goldemberg, a Rio+20 será eminentemente um encontro de avaliação, embora existam vertentes querendo reviver as discussões que pautaram o Protocolo de Kyoto. “Não por acaso, esta conferência reflete o baixo entusiasmo dos países reunidos em Assembleia Geral da ONU. Os países não desejaram dar impulso à enorme pressão de ONGs gerada nessas conferências. O Protocolo de Kyoto não foi ratificado pelos Estados Unidos e acabou sendo executado principalmente pela União Europeia. A Convenção da Biodiversidade, que não foi aprovada nem ratificada pelos Estados Unidos, acabou ganhando um protocolo apenas no ano passado em Nagoya, mas ainda nem está em vigor”, disse o ex-reitor.

**Retórica** – O ex-reitor Jacques Marcovitch voltou a falar que as sociedades precisam abandonar a retórica da sustentabilidade e adotar padrões que permitam saber quanto e por que as empresas e os países são sustentáveis. As métricas da sustentabilidade propostas por Marcovitch foram tema da matéria “Do discurso à prática”, publicada na edição 934 do *Jornal da USP* (disponível em <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=17274>).

Em sua palestra no dia 22, Marcovitch observou as diferenças dos cenários presentes nas duas conferências mundiais da ONU. Em 1992, vivia-se um momento de distensão, falava-se dos dividendos da paz, do desarmamento, da queda do Muro de Berlim, das mudanças na ex-União Soviética e da ideia de que iríamos entrar numa era de prosperidade, falou.

“Em 2012 acontece justamente um anticlímax de tudo isso. Estamos num período de rearmamento, profunda crise, a distância entre os extremos de pobreza e desemprego está aumentando de forma cada vez mais visível, com exceção de alguns países, e as tensões mostram que estamos sendo cada vez mais ameaçados por atos terroristas motivados por preconceitos”, observou.

Tendo em vista esse panorama, Marcovitch propõe a elaboração de um documento “no marco da Rio+20 e não um documento para a Rio+20”. A diferença, diz, está no teor da visão de futuro que queremos. “Como mudou a mentalidade do brasileiro e como o País se posiciona na questão ambiental? Quais os resultados a que chegamos e como podemos desatrelar o uso dos recursos naturais do crescimento econômico? De que forma a inovação e a cobertura vege-

tal podem colaborar para esse desatrelamento? E de que forma podemos avaliar as governanças nos temas ambientais no Brasil e no Estado de São Paulo?”, propôs Marcovitch.

Uma ideia de Marcovitch que ganhou amplo apoio dos colegas foi a elaboração de um banco de dados da USP para ser apresentado na Rio+20. “A partir de uma plataforma digital, o visitante da Rio+20 poderia descobrir o que a USP produziu nesses 20 anos. Certamente será preciso uma taxonomia diversa da terminologia de buscas científicas a que estamos habituados, de forma que a produção do conhecimento gerado na Universidade fique visível aos mais diferentes públicos”, disse Marcovitch.

O professor disse que está na hora de os brasileiros começarem a se perguntar “o que o Brasil quer da Rio+20”. Para Marcovitch, o Brasil tem todas as condições de se mostrar um mentor de mudanças de mentalidade e ser um exemplo para outros países.

“A proposta de uma agenda para 2012 diz respeito a todos e especialmente à Universidade. Precisamos nos repensar como instituição e pensar como cumprir o que idealizamos. Isso inclui novas formas de gerar oportunidades de interação entre os alunos e a pesquisa”, disse Marcovitch.

Até novembro, o Brasil deverá depositar sua agenda para a Rio+20. O documento da USP para a conferência deverá ser encaminhado à comissão brasileira antes dessa data. O encaminhamento poderá ser feito via comunidades científicas, como a Academia Brasileira de Ciências, ou através de órgãos executivos do governo federal ou ainda através da reunião de diversos atores da sociedade civil, disse Marcovitch.



Marcovitch (à esq.): Brasil deve ser um mentor de mudanças de mentalidade